

DO DOCUMENTÁRIO SANTIAGO: ENTÃO, A VIDA NÃO TEM SENTIDO?

*Eliane Vasconcelos Diógenes
Isaac Vilanova e Silva Neto*

Este trabalho pretende abordar o documentário **Santiago** dirigido por João Moreira Salles (2007) para algumas possibilidades de diálogo com a psicanálise. Três aspectos são focalizados: 1. a relação estranha entre Santiago (ex-mordomo da família Moreira Salles durante 30 anos) e João Moreira Salles (o filho do patrão), 2. como é excitante olhar a vida de Santiago, e 3. uma questão provocada no documentário: então, a vida não tem sentido?

Algo estranho na relação do documentarista João Moreira Salles com Santiago

No texto “A vida dos outros”, Bosco (2007) destaca que este documentário consiste numa coragem ética, muito mais do que estética.

Os bastidores da filmagem são exibidos, expondo na cara do espectador a dimensão violenta do filme devido à presença marcante das vozes arrogantes, irritantes e impacientes de João Moreira Salles e de sua amiga Márcia Ramalho, impondo a Santiago: “repita... retome.., fale mais rápido... olhe para cá ou para lá...” (SALLES, 2007). Aparece na tela um documentarista inconformado, intransigente em não conseguir encontrar em Santiago seu personagem fictício Santiago. As suas ordens tentam engessar as iniciativas espontâneas de Santiago, recusando-lhe uma vida própria.

Bosco define esta atitude como uma deficiência brutal de escuta, travestida de um suposto interesse pela vida do outro, eis o vazio da surdez autoritária do documentarista-patrão.

O jogo de força de poder, na verdade, o uso obsceno do poder é escancarado.

Como o próprio documentarista revela: “Não existem planos fechados nesse filme, nenhum close de rosto. Ele está sempre distante. (...). Durante os cinco dias de

filmagem, eu nunca deixei de ser o filho do dono da casa, e ele nunca deixou de ser o nosso mordomo.”(SALLES, 2007)

Uma cena muito reveladora da forma despidorada de poder: há um momento em que Santiago deseja falar de algo que está fora do repertório das perguntas do documentarista, fora do rol do questionário, fora do comando. Santiago deseja falar sobre algo íntimo, algo importante da sua vida: “Agora poderia agregar este pequeno... escuta, Joãozinho, Joãozinho... há um pequeno soneto... que é muito simpático... que eu pertenço a um grupo... a um núcleo de seres malditos...” (SALLES, 2007) E justamente aí, exatamente aí, quando Santiago vai falar do seu desejo, da flor do seu segredo, o “Joãozinho” com sua previsível irritação: “não, isso não precisa”. Não precisa para quem? Para o “Joãozinho”? Mas para Santiago, isso é muito valioso, muito simpático. Do que se trata? Bom, supomos que seja da sua vida erótica, das suas escolhas amorosas... do que o João não quis escutar, não suportou escutar... a gente sabe dos escudos instalados pelas resistências nas escutas. Assim, este pedaço da vida de Santiago é imediatamente cortado, amputado.

Mas por que esta recusa tão grotesca do documentarista é revelada, exibida? Retomando a idéia de alguns críticos de cinema, talvez esteja aí, um dos grandes valores deste documentário, porque há uma coragem ética, uma bravura do João em mostrar as fraturas desta relação, as entranhas permeadas de anseios, frustrações, violências. Aquilo, que, rigorosamente, é inadequado para a atuação de um documentarista, é exposto na tela grande, dado para ser visto pelo espectador, não ocultado na edição.

Na época do lançamento deste filme, muitas críticas se debruçaram apenas sobre a relação de poder entre João e Santiago. Porém num texto publicado no jornal *Folha de São Paulo*, o psicanalista, escritor e cinéfilo Contardo Calligaris (2008) salienta um outro aspecto. Adverte que esta relação exibida também desenha um entrelaçamento

intenso da vida de João com a vida de Santiago. Denuncia-se um desejo, uma angústia, uma ânsia para que Santiago conte a sua história, porque só assim o documentarista pode saber mais, ou sentir mais a sua própria história. Como se o sujeito precisasse da história do outro, da memória do outro para aproximar mais da sua história. Sinal do desespero pela história de Santiago é a repetição nauseante de imagens com as ordens para que Santiago se lembre da casa, dos jantares, dos vasos de flores, da “minha mãe”, dance, reze em latim... variações do mesmo.

Nestes anseios incansáveis pelo mergulho na memória do outro, o que está sendo desnudado é o desejo de reviver a emoção que lhe dava “aquela” reza em latim da sua infância, só que “aquela” reza não volta mais, o gozo está perdido, e como dói. Vivências marcadas pelo afeto e não pelo sentido. Parece que esta dor se espalha nas decepções de João, na sua voz impaciente: “De novo, Santiago...”

Destas cenas, sobram algumas margens que esboçam laços de um filho com um pai. Algumas marcas de amor, fluidos de ternura perpassam a tela.

Logo no início do documentário, uma recordação do João: “Uma das minhas lembranças de criança sou eu e meus irmãos vestidos de copeiro, com uma bandeja na mão, entre os convidados, brincando de servir. Nessas ocasiões, quem punha a bandeja na minha mão e me ensinava a equilibrá-la é Santiago, o mordomo da casa.” (SALLES, 2007) Outro vestígio: “Eu era menino, dormia cedo. Por volta da meia-noite acordei com uma música. Percebi que alguém tocava o piano que ficava no salão... Me levantei e na ponta dos pés fui até lá... quando cheguei no salão, vi que era Santiago. Ele vestia o fraque que usava nos dias de grandes festas... Me espantei com o fraque. Perguntei: ‘Por que essa roupa, Santiago?’ Ele me respondeu apenas: ‘Porque é Beethoven, meu filho?’” (SALLES, 2007)

O que se espera de um pai na sua relação com seu filho, além das experiências de castração, é claro? Apontar veredas para que o seu filho entre na cultura, indicar caminhos para que ele possa penetrar no mundo, acenar ideais: o ritual da bandeja, a cerimônia com Beethoven são algumas pistas.

Numa palestra realizada em Fortaleza, João Moreira Salles apontou que a sua grande fonte de inspiração para produzir documentários não é o cinema, e eu ao indagar-lhe sobre, então, qual seria esta fonte, ele pensou um pouco, e mencionou a pintura renascentista... Ora, Santiago ama a pintura renascentista. Mas naquela palestra, a fonte Santiago não foi revelada.

Talvez, este documentário seja também uma maneira do diretor se lembrar da sua infância, de meditar sobre a vida e a morte, memória e esquecimento, como bem propõe Contardo Calligaris (2008).

De uma carta de Eduardo Scorel, que realizou a montagem de *Santiago*: “João parecia em dúvida, no início, quanto a fazer um filme narrado na primeira pessoa. Aos poucos, o material bruto foi revelando que a forma possível de ser organizado girava em torno de três personagens: Santiago, a casa da Gávea e o próprio João. Admiro a coragem com que ele venceu resistências e aceitou essa fatalidade de forma radical.” (SCOREL, 2007)

Olhar a vida de Santiago

Apesar do documentarista tentar trancafiar Santiago num molde, tentar congelar os seus gestos, falas, este personagem é tão rico, tão atraente que consegue escapar da forma, consegue transbordar pelas frestas da tela, pelas fendas das edições, nos possibilitando brechas para espiar a sua vida. E nela reencontrar alguns significantes de nossa própria história marcada por perdas jamais recuperadas.

Santiago nos provoca, nos incita a sentir a beleza na arte, na natureza... nos embriaga com tantas alusões à música, ao cinema, à pintura, à dança... desfia inúmeras referências à cultura erudita... mas não de uma maneira presunçosa daqueles que arrotam conhecimentos sobre a arte em geral, mas parecem impassíveis, indiferentes, empedrados, vaidosos com o seu arsenal de informações. Como fica maçante escutar tal retórica!

Santiago não, ele exala encantamento, se delicia ao falar de Bach, Bergman, Giotto, Van Gogh, Chopin, Modigliani, Cézanne, Michelangelo, os arranca do pódio do inalcançável, do “nível para poucos” para se deleitar no corpo a corpo, no lado a lado, na intimidade, na afinidade. O corpo com seus gestos, mãos, voz, olhares se manifesta inebriado. A arte o afeta intensamente, o atinge nas vísceras. O vinho de Dionísio parece ganhar efeito. Como afirmaria Jorge (2006) no texto *Arte e Travessia da Fantasia*, a arte que vela o real é a mesma que o insinua em seu mais-além, tal qual a pintura de São João Batista de Leonardo da Vinci, que com o dedo indicador aponta para algo para além da tela que parece constituir o núcleo mesmo da tela. Para além do imaginário e do simbólico, o não-sentido, o real fundante da estrutura psíquica.

E assim, Santiago nos espanta, nos contamina com a sua volúpia, nos deixa lânguidos, desejando...

Calligaris (2008) confessa: “Hoje, preferiria justificar minha vida tocando Beethoven, de fraque, numa casa deserta, com Santiago.”

A escritora Martha Medeiros, no seu blog, confidencia: “E, de repente, comecei a apreciar a beleza de um senhor de 80 anos dançando com castanholas, depois dançando apenas com as mãos nuas. (...). A mim emocionou porque me fez pensar em como é difícil manter as pessoas despertas para a beleza da vida. Cores, formas, música, sentimentos, natureza, silêncio, arte. A beleza que compensa as decepções que a vida

invariavelmente traz. A beleza que, tão etérea, tão subjetiva, talvez seja a única coisa que realmente tenha sentido. Me deu vontade de escrever poesia.” (MEDEIROS, 2009)

Parece que Santiago, num certo devaneio, ilumina algumas pistas para a vida ganhar algum sentido. A sensação de ser capturado pela beleza, a experiência subjetiva de ser atravessada nas suas entranhas pela poesia nos contagia. Santiago nos presenteia com a beleza em suas mais variadas faces como um potente véu ante o horror do real, ou como disse Lacan (1960/1988) no Seminário *A Ética da Psicanálise*, “a verdadeira barreira que detém o sujeito diante do campo inominável do desejo radical uma vez que é o campo da destruição absoluta, da destruição para além da putrefação, é o fenômeno estético propriamente dito uma vez que é identificável com a experiência do belo”. (p.265).

Espiar a vida de Santiago pode abrir possibilidades de nos inspirar a viver... a inventar a vida. Inventá-la tal como o desafio posto ao sujeito de saber lidar com o sintoma em um final de análise.

Não sabíamos a falta que faz um Santiago em nossa vida.

Mas há um curioso paradoxo no documentário... Apesar da beleza se irradiar na tela e a vida explodir nos olhos do espectador, a morte ronda os seus corredores... há o tom da melancolia, o teor da tristeza, parece que tudo aquilo é tão vulnerável a desaparecer ou já se desfez... a beleza por excelência dos vasos de flores preparados por Santiago só duram algumas horas... O real se insinua e insiste aí tal qual a repetição de uma pedra no caminho da poesia de Carlos Drummond de Andrade, “no meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra no meio do caminho tinha uma pedra”. (ANDRADE, 1973, p. 61)

Então, a vida não tem sentido?

O documentário Santiago também é marcado pela passagem do tempo, pela ausência de sentido e pela produção do sentido a partir daquilo que não teria sentido algum.

Santiago tenta também preencher a falta de sentido da vida com a rememoração do que viveu na infância, na adolescência, na vida adulta e principalmente através dos seus personagens queridos dos 500 anos de nobrezas e dinastias de todo o mundo transcritos em trinta mil páginas. Não há separação nítida entre estas vivências e nisto enaltece o aspecto ficcional de sua rememoração. O sentido acaba sendo também gestado pela retomada destes fragmentos, destes restos.

No fim do documentário, tem um pequeno trecho da película *Viagem a Tóquio*, um filme japonês de Yasujiro Ozu, no qual a filha caçula do protagonista pergunta à sua cunhada: “A vida não é uma decepção?” A cunhada responde sorrindo: “Sim, ela é”. Parece que é isto que a todo instante Santiago quer também nos sinalizar. Parece que sua vida foi salva pela arte e também por restos, pequenas inutilidades, insignificâncias. Como nas palavras de Salles (2007): “Foi salvo por coisas tão gratuitas quanto a dança no parque de que gostava tanto. Com elas, quem sabe?, pôde suportar a melancolia de quem suspeita que as coisas não fazem mesmo muito sentido”.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973.

BOSCO, Francisco. A vida dos outros. **Cult**, São Paulo, out., 2007

CALLIGARIS, Contardo. **Quinta-coluna**. São Paulo: Publifolha, 2008.

ESCOREL, Eduardo. Carta de Eduardo Escorel sobre Santiago. Disponível em: <<<http://sessoesdecinema.blogspot.com/2010/10/carta-de-eduardo-escorel-sobre-santiago.html>>>. Acesso em: 17.12.2010.

GERBASE, J. **Os paradigmas da psicanálise**. Salvador: Campo Psicanalítico, 2008.

JORGE, M. A. C. Arte e travessia da fantasia In: RIVERA, T.; SAFATLE, V (Org). **Sobre arte e psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2006. v. , p. 61-78.

LACAN, J. **O seminário. Livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

MEDEIROS, Martha. Santiago, o documentário. Disponível em: <<<http://p.clicrbs.com.br/marthamedeiros/2009/04/?topo=77,1>>>. Acesso em: 12.12.2010.
SANTIAGO. Direção de João Moreira Sales. Brasil, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Eliane Vasconcelos Diógenes. Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e professora do Curso de Psicologia e Belas Artes da UNIFOR.

Isaac Vilanova e Silva Neto. Mestre em Psicologia (UFC), psicanalista e membro do Corpo Freudiano – Seção Fortaleza.